

A FARINHA DE MANDIOCA (*MANIHOT ESCULENTA* CRANTZ) DE COPIOBA E A VIDA NO CAMPO, EM NAZARÉ-BA: CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA QUALITATIVA À INDICAÇÃO GEOGRÁFICA

Nina Paloma Neves Calmon de Siqueira Branco¹; Ícaro Ribeiro da Silva Cazumba¹; Alaane Caroline Benevides de Andrade¹; Camila Gomes Conceição¹; Josenai dos Santos Andrade¹; Ryzia de Cassia Vieira Cardoso¹; Janice Izabel Druzian¹

¹Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, BA, Brasil. (ninapa@gmail.com)

Rec.: 01.07.2014. Ace.: 02.06.2015

RESUMO

Apesar de ter origem territorial específica e reconhecimento de qualidade superior, a farinha de mandioca de Copioba ainda não figura entre os produtos de Indicação Geográfica (IG). Este artigo visa descrever a realidade da cadeia produtiva desta farinha, em Nazaré-BA, na perspectiva qualitativa, contribuindo para o processo de IG. Realizou-se estudo etnográfico, orientado por entrevistas gravadas e observações em campo, entre 2012 e 2013, na zona rural do Copioba Açú. A partir dos relatos, verificou-se que: a agricultura familiar da farinha de Copioba compreende importante gerador de renda para os produtores; o comércio da farinha ainda favorece os atravessadores; a vida no campo é marcada por diversas dificuldades e as melhorias que chegaram às comunidades possuíam perfil clientelista; a organização social mostrou fragilidades e fragmentação, representando o maior obstáculo ao encaminhamento da IG. Assim, visando à implantação da IG, torna-se necessário o desenvolvimento de ações integradas, convergindo esforços interdisciplinares e interinstitucionais.

Palavras chave: Agricultura familiar. Indicação Geográfica. Farinha de mandioca. Pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

Despite its specific territorial origin and the recognition of its superior quality, Copioba cassava flour has not yet appeared among the products of Geographical Indication (GI). This article aims to describe the reality of this flour production chain in Nazaré, in Bahia, from a qualitative point of view, contributing to the GI process. We conducted an ethnographic study, guided by recorded interviews and field observations in Copioba Açú rural area from 2012 to 2013. It was found that: the family farming of Copioba flour represents an important income generator for farmers; flour trade still benefits the middlemen; country life is marked by various difficulties and the improvements that have reached the communities present a patronage profile; social organization showed weaknesses and fragmentation, representing a major obstacle to the GI. Thus, aiming to the implementation of the GI, it has become necessary to develop integrated actions through interdisciplinary and interagency converging efforts.

Keywords: Family farming. Geographical Indication. Cassava flour. Qualitative research.

Área tecnológica: Indicações Geográficas

INTRODUÇÃO

Indicações Geográficas (IG) são qualificações de origem atribuídas a produtos com características particulares de qualidade superior, vinculados à origem geográfica (BRASIL, 2013). A farinha de mandioca de Copioba, produzida no Recôncavo baiano, possui tradição histórica de qualidade e reputação popular bastante difundida (CASTELLUCCI JÚNIOR, 2008), de forma a se caracterizar como produto genuíno para a obtenção de uma IG.

Trata-se de um produto da agricultura familiar e a obtenção da qualificação de origem pode assegurar ao pequeno agricultor melhoria da qualidade de vida, focando para o seu fortalecimento na cadeia produtiva da farinha, posto que nessa cadeia tem-se verificado a figura de atravessadores.

Este trabalho foi elaborado ao longo do desenvolvimento do projeto “Qualidade, identidade e notoriedade da farinha de mandioca de Nazaré das Farinhas-BA: uma contribuição à Indicação Geográfica”, conduzido pela Universidade Federal da Bahia, por meio do Edital 021/2011, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

Este artigo objetiva apresentar um pouco da realidade sociocultural dos agricultores familiares da farinha de mandioca de Copioba e de um comerciante deste produto, em Nazaré-BA, na perspectiva qualitativa. Atentando para questões que envolvem a vida cotidiana e comunitária, de certa forma, este relato visa oferecer uma fotografia fidedigna da realidade desses atores, com o objetivo de contribuir para aquisição da IG da farinha de Copioba.

No decorrer dos anos de 2012 e 2013, durante diversas viagens a campo, em momentos de entrevistas e observação com os moradores da região Copioba Açú, zona Rural de Nazaré-BA, onde se situa a famosa fazenda Copioba, foram realizadas entrevistas etnográficas (BEAUD, 2003) com três produtores dessa zona rural e um comerciante da mesma região. A seleção deste método para guiar a pesquisa fundamenta-se no fato da entrevista etnográfica abarcar a intercalação de momentos de observação e momentos de entrevista, em que a confrontação das observações com os relatos compõem a força e a riqueza do método.

A entrevista etnográfica particulariza, com temas pré-definidos a serem abordados, a maior abertura e variação de perguntas, conforme os sujeitos entrevistados, com atenção aos temas trazidos por eles. A metodologia etnográfica privilegiada nesse artigo atribui importância às falas dos entrevistados, possuindo, assim, diversos períodos de relatos orais (PEREIRA, 1991), intercalados por parágrafos analíticos concisos. Houve uma limpeza linguística mínima das narrativas, adequando-as para um formato apropriado à leitura, preservando-se o uso da linguagem coloquial dos participantes.

Nesse contexto, cabe observar que foi notável a dificuldade da população rural de expressar-se, de forma organizada, sobre sua realidade. A vida do trabalho rudimentar do campesino baiano, que cresceu como agricultor de mandioca, caracteriza-se pelo pouco domínio do português formal. Isso, aliado à forma de falar na roça, à timidez e ao estranhamento, comuns em situação de entrevista (BEAUD, 2003), em alguns momentos, constituiu dificuldade de compreensão dos registros sonoros, o que causou perda de alguns dados na transcrição. Assim, o conteúdo obtido é muito relevante, como se demonstrará no decorrer desse relatório.

A partir da análise das entrevistas, observou-se a importância da agricultura familiar da produção de farinha de mandioca de Copioba. Uma entrevistada coloca a produção da farinha de mandioca como principal fonte de sustento de sua família:

- A questão da farinha, você acha que é uma coisa importante aqui na região, o que é que a senhora pode me dizer sobre isso?

Entrevistada 1 – “Sim! É muito bom! Pra nós é uma riqueza nós ter a... fazer a plantação e nós fazer a nossa farinha e colher, é muito bom! Muito bom mesmo! Eu... se passar 8 dias, 15 dias sem ter uma farinha aí eu acho que ela já está diferente. (...)

- E em relação à produção de farinha, sempre foi uma coisa importante na economia da senhora?

Entrevistada 1 - “Sim! Porque, em primeiro lugar, foi quem deu o sustento aos meus filhos, né? (...) mas a gente sempre tirou o sustento da farinha”.

A família, o núcleo familiar e a família expandida (de irmão e primos) constituíram o principal *locus* do vínculo social e da sociabilidade da região, prevalecendo às associações. Salienta-se que a maior parte das famílias estava instalada nas propriedades há, pelo menos, três gerações. A família, em seu núcleo residencial e expandida, corresponde aos vínculos territoriais de vizinhança. Os filhos constroem casas ao lado da casa dos pais e irmãos residem na mesma comunidade, de tal forma, que as relações dentro da família expandida são fortalecidas e prevalecem ao vínculo comunitário. Este quadro explicita que o vínculo de pertença à coletividade é menor, considerando as relações com outras famílias vizinhas, e, assim, a consciência de grupo é essencialmente familiar, sendo este, provavelmente, um dos fatores para o pouco desenvolvimento na cultura coletiva local, na comunidade Copioba Açu.

Nesse contexto, observa-se que alguns habitantes, originalmente de zonas rurais vizinhas, chegaram à comunidade após o casamento, o que denota que essas famílias mantinham relações familiares com comunidades próximas. Assim, esse é um dos motivos de incentivar para que ocorra de fato à Indicação Geográfica da Farinha de Copioba, pois se trata de um projeto que é restrito aos agricultores familiares do Recôncavo baiano. Considerar os agricultores familiares é considerar produtores que produzem, de fato, o alimento do povo brasileiro, assim como também é incentivar o desenvolvimento de uma população de menor remuneração e proveniente das classes populares.

Como destaque dessa parte, segue um trecho de entrevista com o comerciante, ressaltando que a farinha produzida na região de Nazaré-BA é proveniente da agricultura familiar (que é um exemplo de uma realidade que pode ser ampliada para o Recôncavo baiano, nesse aspecto):

Entrevistado 4: “O comércio da farinha hoje se torna, hoje..., é como eu disse a você, é o... a credibilidade, o comércio da farinha é isso, muita gente que faz farinha aí, tudo hoje é agricultura familiar, eu não conheço ninguém que seja... empresa de farinha aqui, que faça farinha em empresa, eu não conheço ninguém! (...), aqui mesmo não, nessa região não! Não sei fora, não posso lhe garantir pelos outros, mas aqui na região eu não vejo uma casa de farinha que seja assim, que faz farinha toda semana, não vejo. Faz numa semana na outra não faz, a não ser quando é de um irmão, outra semana já é de outro, outra semana já é de outro, de cunhado, (...).”

Nesse cenário, cabe considerar que, além da produção de farinha, se fez notável a pluralidade de cultivo, que inclui laranja, banana, cacau, coco, dendê, e diversos outros produtos. Alguns vendidos na feira, no caso das bananas, mas também produzidos para subsistência - essa pluricultura é uma das principais características da agricultura familiar (IBGE, 2011).

Na região, o forno que predominou foi o moderno e motorizado, de segunda geração. Nas casas de farinha onde havia esse forno, a produção ocorria de maneira regular e para comercialização da

farinha, enquanto nas casas de farinha manuais observou-se produção de farinha sob encomenda ou, ainda, a produção para o próprio consumo.

A divisão do trabalho nas casas de farinha foi evidente. O trabalho feminino se concentrava na raspa da mandioca, enquanto o masculino na retirada da raiz da terra e no seu processamento - na prensa e pelos diversos motores de trituração e torrefação, em suma, o trabalho mais pesado era reservado aos homens. As casas de farinhas dessa zona rural eram principalmente abertas, com acesso de animais domésticos, como cachorro e galinha.

Vale ressaltar que uma líder mulher demonstrou interesse em criar uma associação de mulheres nessa zona rural, o que indica a importância de valorizar e incentivar a iniciativa latente de vontade da liderança feminina, em organização das mulheres da zona rural Copioba Açú.

No que concerne ao comércio da farinha, quem definia o preço da farinha era o comerciante, havendo assim uma disparidade do poder do comerciante, em relação ao produtor. Esse somente controlava a quantidade de mandioca plantada e o plantio de tipos de macaxeira para complementar a renda, que ficava à mercê da oscilação dos preços. Na fala abaixo, o entrevistado comerciante revela essa disparidade de poder:

- Sua visão é que quem conduz essa quantidade da... do plantio é mais o distribuidor que vê o preço e tudo mais ou é mais o produtor, ou é dos dois?_

Entrevistado 4: “Não, o produtor não... o produtor só faz é... produzir mesmo e o... o preço quem... quem fazem mesmo são os comerciantes, são os atravessador que a gente fala que... que trabalha com isso, que sabe como tá lá fora, como você vê ligar agora, fulano ligou pra mim, nestante o menino ligou – “Oh, tem isso aí? Como é que tá a farinha?” – “Tá isso, tal, tal, tal! Dá pra você?” – “Dá!” – “traz um saco pra mim!”, aí você sabe como é que está lá fora, como é que tá a procura. Quando você disser, vamos supor, ligar pra ele e disser – “Eu estou com muita farinha aí! – “Oh, você quer farinha?” – “Não, não quero que aqui tá barata!”, quando ele procura a gente já sabe que lá tá caro.”

Faz-se necessário contemplar também as visões do pequeno produtor sobre o comércio da farinha, os trechos a seguir esclarecem que é notório, por parte do agricultor familiar, que o lucro ficava injustamente distribuído. O pequeno produtor ganhava a menor parte do lucro da farinha e tinha um árduo trabalho para produzi-la, enquanto o distribuidor lucrava muito mais.

Entrevistado 3: “Comerciante lá ganha mais do que a gente que planta aqui pra vender a eles, ganha mais. Ganha mais que eles aqui não faz nada, ele... eles lá não faz nada e aqui a gente tem que, do princípio ao fim, fazer tudo, tem mandioca pra limpar, tem formiga pra tirar, tem terra...”

Entrevistada 1: “Não, a gente sabe pra quem vende porque é aqueles comprador diretamente de ano a ano, aí a gente chega lá... ele chega lá e bota a farinha, hoje porque a farinha está dando esse dinheirinho tem vários comprador, mas a gente..., eu mesmo não, mas os meninos aí, todo mundo aí, já levou farinha de voltar... guardar, porque não achava preço nenhum e pra semana voltava pra vender, tinha muitos comprador que pegava, botava na boca e cuspiu fora e não comprava a farinha, aí ficava... voltava pra casa, tornar a esquentar e tornar a levar. Então, hoje tá... já melhorou um pouquinho, que ninguém traz farinha pra casa, mas naquele tempo trazia. Então, eu achei que melhorou, mas não tá como deve ser, não eu pedindo o preço de farinha, eu falo assim porque um atravessador compra

uma carga de farinha, que nem eu lhe falei, de 200 reais, sai como? Um saco de 100 quilos... de 50 quilos sai por 100 reais, ele bota e vende a como? Por 5. Quanto ele ganha? 3 reais em 1 quilo. Quem ganhou o dinheiro foi a gente que plantou ou foi eles? Eles que ganhou o dinheiro, né?”

O período da realização da entrevista antecedeu à alta da farinha, quando o quilo alcançou entre R\$6,00 e R\$7,00. O entrevistado 4 segue expressando que o problema da queda do preço ocorre quando grandes fazendeiros, ao verem o preço alto da farinha, decidem também produzi-la:

Entrevistado 4: “Porque quando sobe, os fazendeiros de... de uma condiçãozinha, que tem um funcionário, que tem isso, não é da agricultura familiar, passa a plantar. Como eu disse a você,(...)... eles só plantam quando tem condições de... que ele vê que vai ganhar o dinheiro, mas o produtor que é familiar planta direto, não para de plantar, mas esses é que sofre, entendeu? Porque quando dá pra renda os grande planta, quando não dá eles não planta, eles procura plantar outra coisa que venha dando renda. (...)”

- E esses grandes produtores, eles produzem coisas que vocês compram?

Entrevistado 4: “É, produz! Muitas vezes... produz laranja, é... banana da terra, banana da prata, é... é maracujá, é outras coisas, é outros... outras frutas, outras verduras, é abobora, é melancia, é outros produtos aí, é isso aí. Os grandes procuram negócio que tá dando renda, eles fazem mais estudo, eles têm mais... é... mais trabalhadores, tem que procurar um produto que... que tá dando dinheiro, ele não vai plantar mandioca mais baixo, ele planta mandioca na hora que a mandioca está dando renda.”

Dessa forma, quem produz a farinha de mandioca regularmente é o agricultor familiar, de baixa renda, que não tem a opção de implantar novas culturas para o comércio na região, enquanto os grandes produtores aumentam a produção da mandioca e da farinha de mandioca essencialmente quando os preços estão em alta, e passam para outras culturas em outros momentos. Isso contribui para a queda do preço da farinha.

Durante o período de visitas à propriedades em Maragogipe-BA, bem como em parte da região do Copioba Açú e de Santa Sofia, além das outras zonas rurais da cidade de Nazaré-BA, foi notável, em decorrência da seca, a falta de mandioca para farinha, em oposição à presença do aipim *in natura* para venda, posto que este estava saindo mais lucrativo. Deste modo, pode-se sinalizar que o único controle da produção por parte do pequeno produtor é diminuir em parte a produção de mandioca destinada à produção da farinha, para plantar variedades de mandioca para venda na feira. Mesmo com a diminuição da produção de farinha, os produtores ficavam à mercê da flutuação de preços.

As populações da zona rural possuíam acesso restrito aos meios de transporte, pois estes apresentavam horários e frequência limitada, além do fato da estrada que faz a conexão com a estrada principal, que dá acesso às cidades, ser de terra. O transporte da farinha era efetuado por ‘carros de linha’, caminhões fretados e por ônibus escolar, havendo ainda três famílias moradoras da zona rural em questão, que faziam o transporte da farinha cobrando frete dos demais produtores, o que caracteriza famílias mais influentes na região.

Tendo em vista tratar-se de zona rural, as únicas formas de locomoção da população eram esses ‘carros de linha’ e o ônibus escolar, que faziam a ligação entre o campo e a cidade de Nazaré, bem

como, de lá, permitiam o acesso a qualquer outro transporte. Havia ainda as motos, que se multiplicavam no interior e faziam conexões da zona rural com as cidades, mas que funcionavam predominantemente para o transporte de pessoas.

Por volta de 1978, os entrevistados informaram que a principal dificuldade era o transporte, visto que não havia nem uma estrada de terra. O transporte para feira era feito em cima de animais ou andando, havia chuvas que tornavam o caminho para a feira muito difícil, o forno ainda era de alguidar de barro¹ e a produção era manual e reduzida. Os entrevistados testemunham bastante sofrimento com os tempos antigos de produção da farinha de mandioca, um trabalho pesado com pouca retribuição - a entrevistada 1 e o entrevistado 3 mencionam, inclusive, pouca comida e humilhação. Todos apontam que houve melhorias, mas eles não avançaram muito sobre as dificuldades presentes, de certa forma, amenizando-as. Seguem abaixo trechos de três entrevistas.

Entrevistada 1: “Não, a farinha eu já venho desde quando eu cheguei aqui, com 17 anos eu já trabalhava com a farinha. A partir de 8 anos eu já trabalhava com a farinha, porque meu... eu fui criada com meus avôs e meu avô era produtor, (...). E eu vim pra aqui e continuei a mesma coisa, trabalhando com a mandioca, plantando e colhendo. (...) Pra ir à cidade era difícil, né? Porque naquele tempo não tinha estrada, não ia de... de lombo de animal é..., às vezes saía 2 hora da manhã, chegava 6, 7 horas da noite e nesse horário que chegava é... já estava um pouquinho difícil porque as coisas tava muito pouco em casa pra os meninos, né? Mas se dava... deu um jeito e passou. Era difícil? Era! Chovia muito, não é esse tempo de hoje, chovia demais mesmo, e vezes que quando chegava, trabalhava a semana inteira, quarta, quinta-feira arrancava a mandioca, na casa de farinha sexta-feira torrando a farinha, no sábado de manhã, de madrugada, pegava o animal ia pra cidade e, quando chegava debaixo de chuva, ia e voltava, e quando chegava tava... não guentava mais nem andar (...),... Então, era uma coisa difícil, hoje nós reclama tá tudo... bom pela frente e a gente ainda reclama, porque já tem a estrada, já... se não tiver um transporte da pessoa própria, já passa um aí e já tem uma carona, já paga uma passagem e vai. Naquele tempo não existia nada disso. Era difícil? Era!”

- E as dificuldades, os momentos difíceis daqui, a senhora lembra dos momentos mais difíceis que passou?

Entrevistada 1: “Sim! É difícil, com certeza, porque naquele tempo não existia essa ponte aí,(...)... enchia o rio demais, que hoje o rio não enche mais é... enchia demais e a pessoa passava 3, 4 até 8 dias sem ir na feira,(...). E a pessoa se guentava se tivesse porco, galinha, essas coisas pra sobreviver até o rio esvaziar pra pessoa ir na cidade e tinha dias que a pessoa ia na cidade, às vezes, passava de manhã o rio estava vazio ainda, quando voltava à tarde não passava mais, dormia pela casa dos outros lá do outro lado. E aí era difícil? Era! Aí ficava todo mundo com fome em casa e... é... essas coisas assim que foi difícil sim!”

Entrevistado 2: “Meu pai ele... produzia muito, plantava muita mandioca, banana e a gente desde pequenininho ajudava na... na plantação e na colheita, em tudo, né? E naquele tempo as coisas era bem mais difícil do que hoje, muito, muito muito! Hoje aqui é mecanizado, né? Antes é tudo na mão, a gente fazia ali...(...) Mas antes era dois fornos daquele ali, oh! (aponta forno manual) As casas de farinha quase todas da região. (...) Toda semana ele arrancava mandioca, a gente levantava, às vezes, 10 horas da noite pra... pra mexer a farinha, ou seja, na segunda feira, era segunda feira e aí ele rodava o resto da noite, o dia todo e entrava pela outra noite, muitas vezes aconteceu isso para aumentar a produção... aquele forno ali, tudo na mão, a gente batia um pilão brabo aquele de marretar. Hoje se passa a... o caroço no moinho, né? (...) Hoje aqui você faz a farinha, digamos, sai quase a metade é caroço, vai pro moinho em dentro de uma hora esse moinho passa ali uns... uma

¹ Alguidar: Vaso mais largo que alto, e cuja boca tem diâmetro muito maior diâmetro que o fundo.

hora, uns 150 quilos de caroço que rala... já sai farinha, já fininha, né? (...). Então, a gente sofreu muito, muito, muito! A gente ia pra feira todo mundo aqui ia no animal, nós não viemos no carro? A gente ia tudo no lombo do animal, se quisesse pegar a feira quarta-feira, de manhã cedinho, tinha que sair daqui, o quê? Duas horas da manhã, duas e meia e quando era muito antes ainda que a... o meio de transporte era navio, navio não, era saveiro, de Nazaré para Salvador, aí a feira era de acordo com a maré, ou seja, se a maré fosse estar cheia, digamos, 7 horas da manhã a feira tinha que acontecer toda até 7 horas pra quando enchesse o pessoal pegar a carga e se mandar. Era muito sofrimento, muito, muito, muito! (...)

- Acha que nessa época Nazaré era um centro importante de distribuição?

Entrevistado 2: “É! Diz que antes, quer dizer, eu acho até antes de começar a ir pra feira, diz que antes era muito movimentada Nazaré - muito, muito mesmo, né? Porque não tinha estrada, né? Então, quase tudo vinha pra Nazaré pra sair no... nos saveiros, então, por isso... as cargas que vinham pra... Santo Antônio, segundo dizem, vinha muita carga, ou seja, muitos produtos, muitas mercadorias pra Nazaré, nos saveiros, pra de Nazaré ir pra Santo Antônio, mas há muito tempo atrás, né? Até de animal levarem. Então, (...) vinha muita gente de Santo Antônio pra Nazaré, pra comprar em Nazaré, e hoje, quer dizer, a diversidade de transporte é tanta que muita gente não leva nem carro pra rua, pra feira. (...) Mas já foi muito pior do que era aqui... do que é agora, nós não tínhamos estrada, não tínhamos energia, então, vivia em um mundo escuro mesmo, como ainda vive em muitas comunidades ainda rurais hoje, muitos.”

- Aí... me conte assim, como é que você começou a vida com a farinha?

Entrevistado 3: Como eu comecei? Comecei plantando e trabalhando de enxada, (...) E plantando terra, cavando cova. Comecei com a idade de... 15 anos eu estava trabalhando, com 15, 10 anos eu estava fazendo alguma coisa, né? só lutando com a vida da roça, plantando mandioca direto. (...) Meu pai nem vi direito que meu pai morreu estava pequeno, aí ficou me criando foi um irmão que eu tinha e outro que já morreu, foi o que me criou, acabou de me criar. Aí nós descia, vinham com carga pra rua, dentro da lama, (...) aí dentro da lama mesmo, lama... lama que era inverno brabo! Lama! Animal nós não tinha, só tinha um pra carregar muita carga levava pra rua, nós saía era 1 hora da madrugada e chegava na rua às 7 horas. A feira de banana, tudo na lama, não andava calçado, nada! (...) A farinha começou a melhorar foi quase agora, porque já está com preço bem alto, né? Mas, agora mesmo, em toda vida nós vendeu barato, humilhação, não tinha nada! Vendemos, vendemos, vendemos lá acabava e não saía nada, uma vida mesmo difícil! Trabalhando muito mesmo pra comer pouco, pouco, pouco mesmo! Aquela vida de muito trabalhada, farinha muito trabalhada, muito, muito!”

O clientelismo, segundo o dicionário da língua portuguesa, corresponde à “prática eleitoreira de certos políticos que consiste em privilegiar uma clientela ('conjunto de indivíduos dependentes'), em troca de seus votos; troca de favores entre quem detém o poder e quem vota” (HOUAISS, 2014). Essa prática se fez notória pelos diversos políticos da região.

É importante chamar a atenção que todas as melhorias da comunidade (com exceção das melhorias internas nas casas da farinha) foram adquiridas ao longo do tempo: a abertura da estrada, a construção da ponte sobre o rio e a construção da escola. Alguns moradores se lembram do período aproximado em que veio o benefício, associando-o ao político que levou a obra de interesse da comunidade, como demonstram os trechos a seguir, fato que é um marco do clientelismo presente nos interiores baianos e acentuado em zonas rurais. É interessante que o entrevistado 3 possui uma percepção diferente dessa prática, ao mencionar a abertura da estrada de barro.

Entrevistado 2, sobre a construção da escola: “Aí ele... Me perguntava agora... o colégio está no nome dele (nome do pai), né? (...) Aí acho que... em 88, isso! Acho, não, em 88 mesmo! Um candidato a prefeito conhecido, né? Na cidade. Cidade de zona rural, por ser um farmacêutico, que antigamente você sabe que..., aliás, não sei se você sabe disso não, que muitas pessoas não iam a médico se consultava com farmacêuticos. Sabia disso? No interior existe isso! E aí esse... essa pessoa como é... em campanha passou aqui e prometeu a ele que ele iria construir um colégio aqui. Ele tinha feito... a gente morava aqui nessa casa... nessa... a nossa casa era aqui, aí teve que ir pra casa nova e a aula estava sendo dada na casa velha e arriscado até desabar, aí passou – “Não! Oh! se eu for... se eu for eleito eu vou construir o colégio aqui!”(...) A escola começou acontecer por também intermédio dele...(...)... começou a... a ter um colégio... esse colégio daqui, que um vereador muito amigo de infância dele,(...).. mandou ele procurar uma pessoa pra... que montasse uma escola numa comunidade, né? Procurasse uma pessoa que tenha... não precisa tá... ser formada ou não, né?(...) Isso acho que em 82, acho não, em 82! (...) Aí minha irmã..., meu pai arrumou minha irmã e aí começou a dar aula dentro de casa, foi dentro de casa, na casa... É! Na casa velha que...(...)... Aí botou na casa velha, depois a casa estava pra desabar, o candidato se elegeu e nada de construir colégio. Aí foi pra casa de uma irmã, da própria... minha professora... professora mesmo, né? Aí começou a estudar na casa dela, nesse tempo ela já tinha casado. Aí a escola funcionou na casa de Farinha, funcionou na casa de um outro irmão meu que mora lá embaixo e nada de colégio. Aí meu pai se zangou e disse... vai construir uma casa, não um colégio, uma casinha pra... pra dar aula, aí fez uma casa de taipa. (...) Ou seja, uma choupanazinha, construiu na beira do (rio próximo)... aonde é o colégio agora mesmo, casa de taipa e de palha, ainda inteira ela, viu? Aí começou a ensinar nesse colégio, nessa casinha. Aí um... acho que o vice prefeito (...)...disse que meu pai tinha feito essa casa pra esculhambar eles, que eles iam construir o colégio. Só sei que de 88 esse colégio só foi ser construído em 2000, no ano 2000, finalzinho do governo do... saudoso Cloves, em 2000 ele perdeu as eleições, então foi um obra..., sei lá, quase que eleitoreira . (...) E aí isso pra cá que melhorou bastante, quer dizer, quando foi construindo não tinha..., não, já tinha energia, mas não ligaram a energia logo, aí ficou quase um ano sem energia, quer dizer, com a energia aí e sem ligar, aí nós reivindicamos com...(...) Nós tínhamos muita amizade com o secretário de... de transportes e de infraestrutura naquela época (...) Aí prometeram que não que... deu prazo pra vim ligar e vieram ligar a energia e isso pra cá melhorou muito, muito, muito em relação à estrutura física do colégio, né?”

Entrevistada 1 sobre construção da ponte sobre o rio:

- E foi em que época que isso (as dificuldades de chegar na feira da cidade) foi passando?

“Rapaz, (...) tem assim uns 30... 36, 37 anos por aí (aproximadamente 1976). Aí, depois, entrou... uma pessoa candidata e ele ganhou, (...) Conhece o filho, né? da farmácia. (...) Ele construiu aquela ponte ali na política dele lá, na eleição que ele ganhou, aí ele fez aquela ponte ali.”

Entrevistado 3, sobre abertura da estrada de terra:

- Aí, começou a melhorar quando, com a estrada?

– “Foi quando abriu a estrada aqui, abriu essa estrada pra pegar bambu.”

- E abriu, mais ou menos, em que época?

- “Não lembro não.”

- Cê lembra o nome do prefeito?

- “Foi nada, foi prefeito não, essa estrada começou a abrir pra carregar bambu, pra fazer negócio de algodão, essas coisa. Depois que o... depois de aberta foi que o prefeito veio e começou a abrir, aí começou... ajeitou tudo, manilhou tudo, as bocas do riacho que não tinha.”

Observa-se uma maior indução da pesquisadora no trecho do entrevistado 3, em face à sua dificuldade de se expressar. É interessante que a abertura da estrada demonstra, dessa forma, ter

sido por iniciativa privada e interesse de exploração econômica na região, tendo o beneficiamento pela prefeitura ocorrido depois. As estradas, até o presente momento (maio de 2014), são de barro, o que dificulta o acesso a transporte, conforme referido previamente.

Quanto às associações, a única desta zona rural foi fundada em 2000, revelando ser recente a cultura de organização comunitária, apesar da maioria dos moradores terem informado filiação ao sindicato dos trabalhadores rurais. Um dos líderes da associação relata sobre sua fundação:

Entrevistado 2: “Foi fundada em 2000 (...) É... levou acho que quase um ano parada, (...)! Foi criada em janeiro de 2000, no final do ano 2000 aí eu fui... eu fui eleito presidente no final do ano 2000. É!

- Quem foram os fundadores?

- “É! Posso... eu acho que o... o fundador principal, a pessoa... o ponto chave pra começar essa Associação é um fazendeiro chamado Carlos Moura, (...)A gente passando, descendo aqui, a gente passa na fazenda dele, (...) Sim! Aí ele foi..., digamos, que ele foi a liderança principal para a fundação dessa Associação, né?

- Ele é produtor de alguma coisa?

“Ele é pecuarista... Ele é... ele tem... ele é contador, ele tem contabilidade e também tem... acho que outras lojas em Nazaré e tem fazenda de gado, mas uma pessoa muito ligada à zona rural, né? Aí criou-se essa Associação, mas não queria, em momento algum ele quis assumir a Associação nem tirar proveito dela, pelo contrário, sempre quis ajudar a Associação.”

Esse trecho da entrevista é bastante revelador, pois a criação da associação foi uma iniciativa externa e de terceiros (pessoa benfeitora, vizinho, mas que não se caracteriza como agricultor familiar). Ou seja, a associação aqui tratada não surgiu de uma demanda anterior da comunidade, tampouco de uma iniciativa dos agricultores familiares da farinha de mandioca, foi uma associação criada para eles. A criação contou com auxílio da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), na mobilização dos agricultores.

Essa associação teve, em seus melhores momentos, aproximadamente 20 aderentes. Nesse período, houve aquisição de um trator para preparo da terra para o plantio de mandioca, por meio de um projeto da Coordenação de Assistência Rural – CAR, órgão da Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia. Assim que o trator chegou, o acesso dos associados ao mesmo se fez de maneira satisfatória. No entanto, já emergia uma rixa, uma desavença, pelo fato de ser cobrada uma taxa pelo serviço do mesmo, para os membros da associação. Posteriormente, o trator passou a ser um elemento polêmico para os habitantes, uma vez que as comunidades circunvizinhas pagavam pelos serviços do trator e os moradores da região não estavam recebendo prioridade sobre os outros.

Ademais, o trator também começou a apresentar problemas, por falta de manutenção do maquinário, visto que o auxílio da CAR era somente para a aquisição do trator. Além disso, não houve curso sobre como operá-lo e o operador não dominava o uso do veículo. Desta forma, foi se instalando um mal estar na comunidade, levando à saída da maioria dos aderentes da associação. Esta rixa se solidificou e, hoje, a associação conta com aproximadamente oito sócios, da mesma família.

Houve também, por meio da associação, acesso ao programa Minha Raiz, para o uso de adubos e a alguns outros cursos.

A liderança da associação ficou somente com uma família, por falta de outros candidatos, pelo fato do cargo não ser remunerado e, possivelmente, pela falta de cultura organizacional, o que representa

um grande obstáculo para a aquisição da IG. A liderança da associação é a mesma que empreendeu a construção de uma Igreja católica na propriedade, em 2013, bem como, dentro da propriedade, cedeu território para prefeitura para construção de escola primária na geração anterior. Deste modo, embora alguns produtores tenham uma visão comunitária e de benefício coletivo, o envolvimento na organização social ainda é frágil, demandando ações para estimular esta participação.

Cabe observar que o presente relatório se concentrou na comunidade rural da Copioba Açú. Na comunidade de Santa Sofia, também em Nazaré-BA, se supõe um vínculo social mais forte, pois o vínculo familiar pode fortalecer o comunitário, sendo notável a presença maior de uma população de agricultores adultos e jovens e, provavelmente, esses fatores fortaleçam o vínculo associativo.

O observado de diferencial no Recôncavo é que a ruptura de gerações era menor, havendo tanto mais casas de farinhas manuais, a exemplo da comunidade de Maragogipe, onde existe uma casa de farinha em grande parte das propriedades nas comunidades visitadas, como mais casas de farinha industrializadas e fechadas, onde ocorre produção em larga escala para venda da farinha.

Segundo os discursos, fez-se notável o êxodo rural não só para Salvador, mas também para São Paulo, para fins de trabalho. Adiciona-se, a esse êxodo, o traslado diário para o distrito industrial e naval de São Roque do Paraguaçu, que passou a empregar muito dos jovens e adultos das zonas rurais de Nazaré.

Esses fatores configuram obstáculo potencial para perpetuação da produção da farinha de Copioba, tendo em vista que novas gerações não estão se fixando no campo, nem se dedicando à produção de farinha. Assim, há uma quebra de geração, em termos de produção desta farinha, dificultando a continuidade da produção, no âmbito da agricultura familiar.

Na região do Copioba Açú, quatro famílias apresentaram gerações de jovens adultos residindo em São Paulo, exercendo serviços na área da construção civil, para os homens, enquanto as mulheres trabalhavam no quadro administrativo de empresas (cabe realçar, neste ponto, a formação escolar das mulheres ser superior à dos homens).

A viagem de um irmão para São Paulo e o seu êxito no trabalho eram seguidos pelo convite para outros fazerem a mesma trajetória, despertado o interesse pelo salário superior.

Deste modo, restavam poucos adultos com capacidade de trabalho na lida da mandioca, o que constitui um dos fatores determinantes do volume de produção ser reduzido, em algumas das casas de farinha. Os mais jovens não se sentem atraídos pelo trabalho na agricultura e os rapazes, desde cedo, tendem a parar os estudos e iniciar trabalhos na zona industrial de São Roque do Paraguaçu, ou trabalhos na construção civil.

Os trechos abaixo são reveladores sobre a mentalidade geral de que arrumar empregos fora da zona rural é positivo. Procedem de um produtor que gosta muito e viveu a vida inteira como agricultor familiar e de um comerciante - deste modo, desvela uma opinião generalizada, ainda que não fosse tratando, em particular, do êxodo rural que eles expressaram os testemunhos a seguir:

Entrevistado 2: “Aqui pra cima muita gente ia pra Salvador, ou seja, compra as casas pelas roças, daqui mesmo se manda pra Salvador, nem vem pra Nazaré. Então, a mudança... a gente está sempre querendo mais, sempre exigindo mais e, claro, tem que se melhorar pra... se mudar pra melhor mesmo, né?”

Entrevistado 4: “Os comércio foi... todo mundo foi se aposentando, caindo fora aí... Mas o comércio aqui, em termos de a população, até que cresceu um pouco, né? Mas o da zona rural de... de trabalhador não, porque a cidade você sabe que todo mundo se desloca do... da zona rural pra cidade, né? Ninguém quer ficar na zona rural, bem poucos, bem poucos!”

Dentre os adultos que residiam na zona rural Copioba Açú, alguns desenvolveram problemas de saúde: hérnia de disco foi relatada por dois agricultores; um agricultor apresentou problemas cardíacos; uma agricultora apresentou pressão alta e observou-se, de forma notória, alcoolismo em um agricultor, o que pode ser alerta de um caso dentre alguns.

É importante ressaltar que a maior parte dos problemas masculinos mencionados eram decorrentes das condições de trabalho, por serem muito rudes e demandarem da força muscular e de gestos repetitivos.

No que tange aos lazeres, ressaltam-se as brigas de boi e o futebol, que colocavam as diversas zonas rurais em contato umas com as outras, e se estendiam em festas nas diversas localidades participantes. A existência de bares assegurava também espaços festivos e de vida comunitária.

CONCLUSÕES

A produção de farinha de mandioca Copioba exige muito trabalho tanto no plantio, quanto na colheita e no processamento. O principal produtor dessa farinha é o agricultor familiar, que participa com o trabalho árduo, mas uma lucratividade inferior à dos comerciantes, nessa relação desigual entre produtor e atravessador. Verificou-se ainda marcada a divisão do trabalho feminino e masculino, predominando a atividade das mulheres na raspa da raiz e o trabalho mais pesado reservado para os homens.

Com relação aos ganhos com a atividade, observou-se ainda que a única margem de manobra do agricultor familiar era a quantidade de mandioca plantada pelo mesmo, compensado com a quantidade de raízes para a venda. No comércio, a maior margem de manobra era do atravessador e do grande produtor.

Desenhou-se, ao longo desse estudo, uma relação de perfil clientelista, mantida pelos políticos da região. Ainda há melhorias a serem feitas no acesso ao transporte, que seria o asfaltamento das estradas e dos acessos nas zonas rurais.

Na região, o maior desafio para o desenvolvimento da Indicação Geográfica da farinha de Copioba é organizar uma associação efetiva e uma união da população em busca de objetivos comuns, de interesse coletivo, tendo em vista que a organização social prevalente é a familiar, com o olhar centrado nos interesses da família. Deste modo, a visão comunitária precisa ser desenvolvida pelos habitantes.

Assim, conclui-se que a valorização da cultura da mandioca e da farinha de Copioba, pela fixação da população local e auxílio organizacional, será muito importante para a promoção da farinha de boa qualidade, o que pode trazer diversos benefícios, incluindo desde o fortalecimento comunitário até o turismo. Nesse contexto, destaca-se a perenização da produção da farinha de Copioba, por meio de atividades educativas e de divulgação de um mercado de consumo da boa farinha, com a identificação, na embalagem, de produto diferenciado.

Este movimento pode estabilizar a renda do agricultor familiar, tratando-se, portanto, de um processo que promove o desenvolvimento local, a economia e o Índice de Desenvolvimento Humano dos produtores da agricultura familiar da farinha de Copioba, do Recôncavo Baiano. Em sendo assim, conforma-se como uma iniciativa socialmente comprometida, na perspectiva da propriedade intelectual e da inovação no agronegócio, cuja viabilidade somente se estabelece a partir do trabalho interdisciplinar e interinstitucional como o propõe o projeto.

PERSPECTIVAS

Os projetos em andamento para a IG da farinha de Copioba, em parceria com a FAPESB, a EBDA e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, preveem etapas futuras de divulgação de resultados das pesquisas para as populações rurais e de mobilização social. Ademais, estão previstas formações em Boas Práticas de Produção de alimentos, para 2015. Essas ações serão executadas por equipes interdisciplinares, o que agrega potencial de viabilidade da IG. Contudo, avalia-se que os obstáculos referidos, aliados à necessidade de políticas públicas de apoio à cadeia produtiva, representam desafios ao sucesso da IG da farinha de Copioba.

REFERÊNCIAS

BEAUD, S. **Guide de l'enquête de terrain : produire et analyser des données ethnographiques**. Nouv. éd. Paris: La Découverte. 2003.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Curso de propriedade intelectual & inovação no agronegócio: Módulo II, indicação geográfica**. Organização Luiz Otávio Pimentel e Aparecido Lima da Silva. Florianópolis: FUNJAB. 2013.

CASTELLUCCI JÚNIOR, W. Entre veredas e arrabaldes: Histórias de escravos e forros na comarca de Nazaré. Bahia, 1830-1850. **História & Perspectivas**, p.261- p.304, 2008.

HOUAISS. Dicionário da Língua Portuguesa. Universo Online. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=clientelista>>. Acesso em: 25 de mai. de 2014.

IBGE. Instituto Nacional de Geografia e Estatística. Levantamento Sistemático da produção Agrícola. Setembro, 2011. 121p. 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/lspa/lspa_201109.pdf>. Acesso em: 14 de mar. de 2015.

PEREIRA, L. M. L. Relatos Orais em Ciências Sociais: limites e potencial. **Revista Análise e Conjuntura**, v. 6, n. 3, 1991.